



Lutar para salvaguardar a integridade, ou desertificar para garantir o lucro?

Bispo Dr. Humberto Maiztegui Gonçalves¹

Crer em quê e para quê, diante da criação ameaçada?

Esta breve reflexão quer aprofundar sobre o sentido da “Quinta Marca da Missão” da Comunhão Anglicana em relação ao processo de desertificação que é um dos sintomas do aquecimento global provocado por um modelo de exploração do meio ambiente que coloca o lucro como valor supremo. No entanto, há correntes de pensamento político e teológico que negam que isto esteja acontecendo, ou não se importam, seja porque acham as outras pessoas que denunciam este processo de alarmistas, ou porque esperam que no futuro Deus gere uma realidade perfeita que independe do que façamos com a criação.

A Quinta Marca da Missão é onde desaguam todas as outras

A Quinta Marca da Missão desafia pessoas batizadas a: “lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra”. O fato de ser a última das cinco marcas, dentro de um entendimento eco-bio-teológico, indica que todas as outras correm para ela, assim como a nascente corre para o córrego, este para o arroio, este para o rio e o rio para mar. Howard Snyder em um artigo intitulado “Salvação significa criação curada: criação, cruz, reino e missão” (*Salvation Means Creation Healed: Creation, Cross, Kingdom and Mission*), afirma:

A igreja está em missão porque Deus está em missão. Deus amou o mundo, tanto que ele enviou seu único Filho para nos dar a vida eterna através da fé nele. Portanto, a igreja deve amar o mundo e levar as Boas Notícias para as pessoas em todos os lugares. Biblicamente falando, esta boa notícia é a cura da criação. A missão fiel, portanto, abrange não apenas evangelismo pessoal, compaixão e justiça social; inclui proclamar e vivendo a vontade de Deus para toda a criação (SNYDER, 2007, p.11).

Assim, a primeira marca “proclamar as boas novas do reino” é a vertente. Proclamar as boas novas é gritar com a terra que geme esperando a redenção, enquanto é ferida, atacada, destruída, desertificada. “Ensinar, batizar, nutrir” novas pessoas que creem, é a primeira corrente de água que se forma para superar as forças que negam, desvalorizam, ignoram, o suplício da criação diante da voracidade do lucro. O arroio, é a corrente da Missão de Deus que nos leva a entender que a destruição da criação implica em sofrimento, miséria,

¹ Bispo Diocesano da Diocese Meridional da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Doutor em Teologia pela EST-São Leopoldo, Professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), Referente para Incidência Pública, Direitos Humanos e Combate ao Racismo, Membro da Comissão Internacional de Diálogo Anglicano-Ortodoxo da Comunhão Anglicana.





morte, exclusão, da maioria da humanidade que também sofre pela mesma ânsia de lucro e a desigualdade que historicamente tem sido promovida pelo mesmo sistema. O rio é a denúncia de um sistema onde tudo é transformado em mercadoria: a vida humana, a vida de todas as outras criaturas, as riquezas naturais. Este rio que é reprimido, e morto, quando se manifesta e diz “basta” ao processo de desertificação da via! Então, chegamos ao mar.

Por uma teologia que dialogue com a realidade e o conhecimento científico sobre o meio ambiente.

Segundo um artigo apresentado por três pesquisadores de universidades federais do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e Paraíba, desertificação que pode ser equiparadas com o conceito de degradação, quando se perde a “vegetação e biodiversidade” ao tempo que há uma “redução da qualidade de vida da população afetada” como consequência do “uso indevido” (SOARES *et al.*, 2009, p.4). É importante assinalar que a “desertificação” a que nos referimos não é um processo “natural”, isto é, próprio da dinâmica da natureza em si mesma, nem o “deserto” como bioma, onde há grande biodiversidade, embora não sempre visível. Trata-se de um processo forçado pela exploração e contaminação do solo provocando não só sua “degradação” (perda de suas características vitais e até sua contaminação), mas afetando a população humana cuja subsistência, muitas vezes ancestral, está ligada a esta biodiversidade, tenham suas vidas também ameaçadas;

Assim, o “uso indevido” é o que produz a “degradação”. Se, como vimos antes, tomamos este sintoma, como espelho para entendermos a Missão de Deus, esta deve proclamar, ensinar, atender, transformar e lutar em favor da biodiversidade degradada e a população através da proclamação, do ensino, do testemunho, do atendimento, da transformação das estruturas, enfim, da integridade da criação.

Segundo outro pesquisador “as práticas agrícolas insustentáveis, a pecuária, o corte de lenha, a retirada de argila, entre outras contribuem sobremaneira para intensificar a degradação (...) onde a degradação é maior, estão os núcleos de desertificação” (ARAUJO-SOUZA, 2017, p.129). A, isto, se soma a mineração que, além de desastres como o de Mariana e Brumadinho, sob a responsabilidade da empresa Vale em Minas Gerais, age de informalmente, sem licenciamento, especialmente na Amazônia, e destrói correntes de água e promove a degradação acelerada do meio ambiente. Conforme um estudo apresentado no 5º Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências, realizado em 2020:

A atividade de extração mineral apresenta um alto poder impactante sobre o meio ambiente, principalmente em relação ao relevo e a





qualidade de água, como também atinge direta e indiretamente a população que vive próximo às áreas de mineração, pelo fato de está sendo retirado da natureza um recurso natural não renovável (...) De acordo com os entrevistados a prática de extração das pedras preciosas gerou grandes alterações na paisagem natural das áreas exploradas, principalmente no início do processo de mineração, tornando um fator preocupante para a população (...) pois com a exploração das áreas garimpadas, a degradação ambiental aumentou o processo de desertificação (GOMES, 2020, p.8).

Como vemos aqui, fazer eco-bio-teologia na perspectiva da Quinta Marca da Missão, faz com que nos interessemos pelos dados científicos que nos falam sobre os processos de degradação do meio ambiente, de ataque à criação ou de destruição de nossa Casa Comum. Precisamos destes subsídios, tanto para denunciar as ações destrutivas, quanto para promover aquelas ações de preservação, harmonização ou restituição que minimizem este “uso indevido” e promovam a vida na terra. A tarefa que fica para nós e traduzir, formular e sistematizar estas questões a partir das fontes teológicas com as quais nos identificamos, respeitando a diversidade humana, sempre contribuindo inter-religiosamente e humanamente, com outras fontes e cosmovisões.

Boas novas: resgate da sabedoria ancestral indígena, de comunidades tradicionais, a desconcentração da terra e a agricultura familiar.

A Quinta Marca inicia com a palavra “lutar”, mas como fazer isso, com quem, onde? Para isso, esta marca, onde desaguam todas as outras, nos chama a buscar onde Deus já está agindo, já está mostrando, já está possibilitando a concretização de “boas novas”. A Comissão de Diálogo Teológico Anglicano-Ortodoxo (ICAODT, sigla em inglês), da qual participo, publicou em 2020, o acordo intitulado: “Colaboradores/as da Criação: Uma Ecologia cheia de Esperança” (*Stewards of Creation: A Hope-Filled Ecology*), cuja leitura integral recomendo como base para construir uma eco-bio-teologia, no seu final recomenda ações que emergem da motivação espiritual, entre elas:

Cheios/as da maravilha e da beleza da criação de Deus, só assim poderemos nos motivar a: proteger e conservar a diversidade da terra, ar, e ecossistemas marinhos; pressionar as estruturas legislativas nacionais e internacional para promover a preservação de nosso planeta; prevenir a poluição, reduzir nossa dependência de combustíveis fósseis e o uso de plásticos, e diminuir o perigo do risco e profano terror de desastres nucleares (ICAODT,2020, p.47-48).

Embora estas, e outras recomendações que também podemos encontrar nos documentos da Rede Ambiental da Comunhão Anglicana (ACEN, sigla em inglês). No entanto, aqui de novo precisamos nos abrir aos sinais que Deus tem





dados através dos tempos, muitos dos quais foram desprezados pelos sistemas coloniais, de exploração do meio ambiente, de finalmente do lucro que domina nossos tempos. Lembremos da advertência do Evangelho:

Dizia ele à multidão: "Quando vocês veem uma nuvem se levantando no ocidente, logo dizem: 'Vai chover', e assim acontece. E quando sopra o vento sul, vocês dizem: 'Vai fazer calor', e assim ocorre. Hipócritas! Vocês sabem interpretar o aspecto da terra e do céu. Como não sabem interpretar o tempo presente?". Por que vocês não julgam por si mesmos o que é justo? (Lucas 12.54-57).

Na América Latina e Caribe cresce a voz que vem da cosmovisão indígena, quilombola (de matriz africana), das comunidades ribeirinhas (principalmente na vazia amazônica) e da agricultura familiar (pequenas propriedades rurais ou rur-urbanas de subsistência e comércio direto). Essas vozes anunciam um outro caminho a ser percorrido, não apenas por elas, mas pelos "avanços" tecnológicos hoje voltados quase que exclusivamente para o lucro e não para a preservação, como afirma Diegues:

Um aspecto relevante na definição de culturas tradicionais é a existência de sistemas de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, à exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Esses sistemas tradicionais não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais. Além do espaço de reprodução econômica, o território é também o locus das representações e do imaginário mitológico dessas sociedades tradicionais. As representações que essas populações fazem dos diversos habitats em que vivem, também se constroem com base no maior ou menor controle de que dispõem sobre o meio físico. (DIEGUES, 1996, p.84-85).

Não há como lutar por salvaguardar a criação sem aprender permanentemente destes conhecimentos ancestrais e fazermos pontes entre estes e a organização da atual sociedade urbana, consumista e industrial. O diálogo gerará novas práticas alimentares, produtivas, relacionais entre nós, em nossas comunidades de fé, em aliança com esta sabedoria, assim poderão amplificar-se as boas novas de uma Casa Comum em harmonia para todas as suas criaturas.

Referências

ARAUJO, Jane Azevedo de; SOUZA, Raquel Franco de. Abordagens sobre o processo de desertificação: uma revisão das evidências no Rio Grande do Norte.





Florianópolis: Geosul, v.32, nº 65, p. 122-143, set/dez 2017. Disponível em: 45896-Texto do Artigo-181834-1-10-20171127 (5).pdf. Acesso em 17 jun. 2021.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. As populações tradicionais: conflitos e ambiguidades. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: HUCITEC, 1996. *Apud*: BRITO, Aurélia Matos. Segurança alimentar e nutricional e comunidades indígenas: comida e território. XVII ENANPUR. Natal, 2019, 27 a 29 de Maio. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1024>. Acesso em 17 jun. 2021.

GOMES, Maria Juciana Pereira de Oliveira. Os impactos ambientais decorrentes da extração mineral no município de Tenente Ananias RN. Congresso Online. 4 e 5 de Dezembro de 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2020/TRABALHO_EV138_MD1_SA27_ID856_01092020143052.pdf. Acesso em 17 jun. 2021.

SNYDER, Howard A. *Salvation Means Creation Healed: Creation, Cross, Kingdom and Mission*. In: The Ashbury Journal 62/1:9-47. Ashbury Theological Seminary. 2007. Disponível em: <https://place.asburyseminary.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1088&context=asburyjournal>. Acesso: 10 jun. 2021.

SOARES TRAVASSOS, Ibrahim; BARRETO CUNHA, Tássio; LINHARES, Franklin; GOMES DOS SANTOS, José Yure. Notas sobre o conceito de desertificação no Brasil e no mundo. XIII Simpósio de Geografia Física Aplicada. Viçosa, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309664731_NOTAS_SOBRE_O_CONCEITO_DE_DESERTIFICACAO_NO_BRASIL_E_NO_MUNDO. Acesso em 16 jun. 2021.

THE ANGLICAN COMMUNION. As Cinco Marcas da Missão. Disponível em: <https://www.anglicancommunion.org/media/108368/Five-Marks-of-Mission-Portuguese.pdf>. Acesso: 10 jun. 2021.

